

Graciliano Ramos sob o fio da palavra empenhada

Jean Pierre Chauvin

Cangaços e *Conversas* (ambos organizados por Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla e lançados em 2014 pela ed. Record²⁰) resultam de um trabalho feito a quatro mãos, durante mais de uma década, a respeito de obras esparsas de Graciliano Ramos. A pesquisa se concentra no exame de fontes primárias, a saber, manuscritos, documentos e fotos; jornais e revistas em que os textos do escritor foram originalmente publicados.

Dentre os periódicos investigados, mencionem-se a revista getulista *Cultura Política*, na qual Graciliano assinou uma série de textos na seção intitulada “Quadros e Costumes do Nordeste”, e a revista *Novidade*, publicada em Alagoas no início dos anos 1930, em que o autor estampou um capítulo de seu romance *Caetés*.

I

“— Desafasta, ordenou o polícia. Aqui tem gente.”

*Vidas secas*²¹

Cangaços reúne breves textos predominantemente ensaísticos de Graciliano Ramos, mais ou menos enfeixados entre a crônica e o artigo de opinião. Concentrados na temática do lampionismo, eles foram escritos pelo autor alagoano entre 1931 e 1941, dentre

20. Ieda Lebensztayn é doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP e desenvolveu projeto de pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros, na mesma instituição. Autora de *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis* (São Paulo: Hedra, 2010). Thiago Mio Salla é doutor em Ciências da Comunicação e professor do Departamento de Jornalismo e Editoração na Escola de Comunicações e Artes (USP). Atualmente, realiza doutorado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa na FFLCH.

21. Em *Cangaços*, dois capítulos de *Vidas secas* foram reproduzidos, com vistas a ressaltar a dicção e o percurso dos contos — publicados avulsamente até chegarem à forma livro, mediante reunião e reordenação das partes do romance. Na antologia, o texto que serve de epígrafe a esta resenha consta da página 116.

os quais se destaca “Dois irmãos”: artigo até então inédito em livro, originalmente publicado pelo autor em 1938.

Na antologia, descortina-se um mundo rico e certamente menos conhecido — mesmo para o leitor que já tomou conhecimento ou mantém contato com a prosa do escritor. Na “Apresentação” assinada pelos organizadores, contamos com coordenadas fundamentais para (re)situar o leitor perante o tema, tendo em vista a imagem (até certo ponto cristalizada e) de viés francamente pejorativo que a imprensa e a literatura tradicional construíram a respeito do cangaceiro.

Trata-se de empenhado trabalho de prospecção e análise em que os pesquisadores parecem estar contagiados pelo tom de denúncia que desponta nas crônicas. Um sentimento plenamente justificado, por sinal, pois desnuda a manutenção de uma “estrutura social fincada em desigualdades, gerando fome e luta por sobreviver, [que] resultava na violência de cangaceiros e da polícia” (p. 9).

Ora, Graciliano não perdia de vista o dado político e o fator estético, mesmo porque não se tratava de mera “representação de cangaceiros como protagonistas” (p. 11). A esse respeito, deve-se mencionar que “o romancista, que sofreu a prisão em 1936, partilha com Fabiano a revolta contra os arbítrios do autoritarismo” (p. 17).

Antiga lição da melhor retórica, uma vez encontrado o tema, passa-se à disposição das partes. E desse modo, à medida que avançamos pela leitura dos dezesseis textos que perfazem a trilha sugerida por Lebensztayn e Salla, é possível escutar algumas vozes dos narradores e personagens de Graciliano. Em um consórcio feliz com a literatura, elas vêm a se misturar sob as formas da evocação aos artigos que circularam em diversos periódicos.

Texto inaugural da antologia, em “Sertanejos” o ensaísta Graciliano Ramos chama a atenção para o fato de que o tipo é moldado pela imagem “que a gente da cidade se acostumou a ver em jornais e em livros” e ressalta que determinados modos de representação se distanciam grandemente do que se testemunha, afinal “são feitos por cidadãos que nunca estiveram no interior”. Trata-se de “um produto literário” a sugerir que o sertanejo resulte da “mistura de retirante, beato e cangaceiro, enfeitada com um patuá” (p. 21).

Quando propõe um retrato de Lampião — o líder moldado e convertido em mito pelo imaginário popular —, Graciliano lança mão de seu extraordinário poder de síntese, concorrendo para a velocidade da leitura, catalisada pelo tom quase humorístico da crônica:

[ele] foi ao Juazeiro, confessou-se ao padre Cícero, pediu a bênção a Nossa Senhora e entrou a matar e roubar. [As motivações do cangaceiro são justificáveis, coerentes, portanto:] É natural que procure o soldado que lhe pisava o pé, na feira, o delegado que lhe dava pancada, o promotor que o denunciou, o proprietário que lhe deixava a família em jejum (p. 28).

Reiterando essa concepção, em “Comandante dos burros” o autor sugere que não restam muitas saídas para aqueles que percorrem o sertão, na constante luta pela sobrevivência. O problema está posto e, com ele, assoma a violenta tradição repressiva: “Antes da morte, da emigração ou da farda, essas criaturas são maltratadas pelas diligências, que não querem saber quem é bom nem quem é ruim: espancam tudo” (p. 43).

Na coletânea há um espaço especialmente reservado para alguma irreverência, quando da abordagem de questões mais sérias. Ao ficcionalizar um método “esotérico” de modo a entrevistar Lampião, o diálogo ágil entre o suposto repórter e o cangaceiro dá uma medida da postura autocrítica de Graciliano, no papel de jornalista. Supondo que Virgulino pediria detalhes sobre o veículo impresso, o diálogo se daria dessa forma:

— Um jornal?

— Sim, senhor, um papel com letras para embromar os trouxas. Mas o nosso é um jornal sério, um jornal de bandidos (p. 32).²²

Acima de tudo, os textos de Graciliano Ramos aqui reunidos permitem relativizar tanto o mito romântico de Lampião, quanto fazer troça do heroísmo de araque artificialmente encarnado pelos soldados que seguiram em seu enalço.

Diferentemente da figura do homem armado que passou a circular no país centrado “no tipo heroico do cangaceiro do século passado, espécie de Quixote que se rebelava contra a ordem para corrigir injustiças” (p. 52), o bando liderado por Lampião “trazia mais de cem homens que não se escondiam na capoeira nem transitavam em

22. Lebensztayn e Salla indicam que o referido “jornal de bandidos” é o semanário *Novidade*, publicado em Maceió em 1931. Com o advento da chamada “revolução de 30”, a revista deu voz a jovens críticos dos problemas da realidade alagoana e brasileira, como o futuro historiador Alberto Passos Guimarães, o crítico Valdemar Cavalcanti, o pintor e capista Santa Rosa, o filólogo Aurélio Buarque, além de ter dado voz a intelectuais nem tão jovens, como o próprio Graciliano Ramos, Jorge de Lima e José Lins do Rego.

veredas. Corriam pela estrada real, muito bem montados, espalhafatosos, pimpões, chapéus de couro enfeitados de argolas e moedas, cartucheiras enormes, alpercatas [...]” (p. 41).

Uma configuração similar reaparece em “Dois cangaços”, ensaio em que o escritor contrapõe perfis de dois períodos históricos: “Em geral os malfeitores ocultavam as suas truculências ou apresentavam-nas como fatos necessários e justos: enfeitados, romanizados pela imaginação popular, dedicavam-se a obras de reivindicação e de vingança, eram uns heróis, quase uns apóstolos, na opinião dos matutos” (p. 83).

Também em “O fator econômico no cangaço”, o cronista realça o dado negativo dos bandos de seu tempo: “Hoje os bandoleiros são de ordinário criaturas nascidas na canalha, libertas dos patrões que as orientavam, ora no trabalho do campo, ora nas lutas contra as forças do governo” (p. 98).

Nota-se que Graciliano extrapola as matrizes que entrariam na composição do cangaceiro, pois tenciona questionar os limites entre o boato e a notícia, como avulta em “Virgulino”. Nesse texto, eivado de ironia, o romancista exprime-se de modo galhofeiro, o que contribui para realçar a instabilidade e volubilidade do gênero jornalístico-literário: “Há dias surgiu por aí um telegrama a anunciar que o meu vizinho Virgulino Ferreira Lampião tinha encerrado a sua carreira, gasto pela tuberculose, deitado numa cama, no interior de Sergipe. Mas a notícia não se confirmou” (p. 55). Repare-se que a imprecisão temporal (“Há dias”) e espacial (“por aí”) não é gratuita: confere, inclusive, o sabor de anedota ao texto.

“Antônio Silvino” traça o perfil de outro célebre jagunço que chegou a ser entrevistado pelo próprio Graciliano Ramos, em companhia “do escritor José Lins do Rego, que em menino conheceu o sertanejo temível no engenho do coronel José Paulino” (p. 67). Silvino age de forma imprevista, durante o encontro com os dois repórteres — “Conosco é amável em demasia” (p. 67) —, o que contribui para relativizar o significado do banditismo, nos anos 1930.

“Corisco” era o nome altamente sugestivo de um sujeito diminuto: “figura secundária [que] não criou reputação — e finou-se quase inédito. Foi um pequeno monstro” (p. 105). Personagem-síntese do bando de Lampião, a falta de regras parece ter sido uma componente essencial ao cotidiano desse cangaceiro, que viveu “fora da sociedade, metido no mato como um bicho, sem calendário, e sem mulher, desprezou noções rijas e antigas” (p. 106).

Fosse por costume, estatuto ou regra, a postura dos membros do bando era uma prática generalizada e incluía as mulheres. Não por acaso, “d. Maria não se incomodava

com preceitos”, afinal, agindo segundo os moldes de Corisco e dos demais bandoleiros, “Essa criatura enérgica exprimia-se em linguagem bastante livre e adotava um código moral próprio” (p. 111).

Acercando-se de outra ponta do processo, “Cabeças” desqualifica a pompa dos gestos e a fala afetada dos representantes da lei e da ordem: “o tenente Bezerra deu cabo de Lampião e se dirigiu triunfante a Maceió, conduzindo uma bela coleção de cabeças [...] e o herói fez um discurso” (p. 89). O recado de Graciliano está dado: bem sabemos como nossa tradição valoriza a fala de beira de mesa, o sermão a partir do púlpito e o discurso ufanista vociferado a partir do palanque.

Mas a fala também pode ser compreendida como sintoma do poder que o sertanejo atribui a si mesmo. Antípoda do elemento urbano, fincado entre os polos extremados da violência, sua postura contrasta com o caráter ameno e covarde do homem da cidade, iludido pela concepção peculiar de civilização *versus* barbárie.

Claro esteja, não se está a atribuir a Graciliano uma concepção localista; trata-se, antes, de abordar uma questão de maior amplitude, ligada que também estava ao caráter conciliador nacional: “Tudo aqui é meio-termo, pouco mais ou menos, somos uma gente de transigências, avanços e recuos” (p. 56)

Em outra mão, determinados artigos reiteram o plano das oposições. Em “Dois irmãos” o autor se ocupa dos personagens absolutamente contrastantes de *Pedra Bonita*, romance de seu companheiro de ofício José Lins do Rego publicado em 1938. Aludindo às personagens bíblicas, Graciliano avalia a narrativa a partir da polarização associada respectivamente aos nomes dos irmãos: “Esaú é arrojado, tem o coração ao pé da goela”. A seu turno, “Jacob, homem de sonho [...] É doce, resignado, constrói escadas que anjos percorrem” (p. 74).

No papel de articulista, mesmo a dicção literária terá servido na abordagem de temas mais abrangentes e complexos, a partir da observação do cotidiano e do universal: algo que se refletia na crítica que Graciliano fazia à redação dos jornais — “De longe em longe há um desaforo: chacinam-se algumas dezenas de infelizes acorados em torno dum apóstolo bronco, prende-se ou mata-se um bandoleiro que se tornou conhecido — e os jornais respiram” (p. 77).

Cangaços refaz um painel sócio-histórico e cultural capaz de municiar o leitor que precisa enfrentar a representação de agruras pessoais e questões coletivas pelo viés de gêneros híbridos, entre a ficção e a notícia. Sinal disso, ao final do volume deparamos com um ensaio de maior fôlego, repleto de fotografias, manuscritos e documentos em que os organizadores retomam alguns dos pressupostos sugeridos nas páginas iniciais

do livro, apontando o trajeto de alguns textos de Graciliano, a circular entre o suporte dos periódicos e a forma do livro.

Sob o sugestivo título de “Lampião de palavras: Graciliano Ramos”, Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla confirmam no “Posfácio” a hipótese de que o escritor era um homem pautado pela coerência, capaz de marcar e defender suas posições tanto pela voz de articulista, quanto sob a *persona* literária.

Eles sugerem ainda que a colaboração do ficcionista para com os jornais estaria intimamente relacionada à “prosa iniciada no Nordeste nos anos 1930”. Afinal, “Cangaço e fanatismo religioso foram questões que afligiram os colaboradores do semanário alagoano *Novidade* (1931)” (p. 138). Fazendo do veículo jornal uma plataforma para disseminar a produção literária, a fusão de gêneros não esconde (antes, evidencia) a interpenetração do dado romanesco nos artigos do autor.

Não se trata de atribuir uma genialidade absoluta e gratuita a Graciliano, mas de afirmar algo diverso: localizar indícios de sua ficção em outros gêneros. *Cangaços* salienta a prática da escrita como um ofício quase sempre vinculado ao profundo exame das coisas, situadas temporal e espacialmente.

Isso explicaria até mesmo os eventuais apetrechos de linguagem, sobressaindo “a consciência autoirônica do intelectual, de que a palavra pode ser manipulada para construir verdades, tanto para criar e enaltecer heróis, como para desmistificá-los” (p. 149), na palavra dos organizadores.

Alargando as fronteiras entre o fato e a versão, por vezes o próprio escritor contribuía para redimensionar o problema, supondo a forma em sua adequação ao assunto. Afinal, trata-se de um dos mais antigos dilemas que o discurso propõe. Até que ponto as formas de representação se colam aos fatos? Elas obedecem à nossa vontade ou seguem a verdade?

De que maneira a verossimilhança subjaz e dá forma ao texto, seja ele literário, seja ele jornalístico? No limiar entre os gêneros, tanto a caracterização do cangaceiro quanto a expectativa do leitor podem entrar em uma dança de contrários. Por outro lado, supondo que um e outro representariam tipos planos e de papéis previamente definidos, talvez se possa dizer que um e outro seriam entidades complementares.

Os paratextos que margeiam os artigos assinados por Graciliano Ramos deixam antever a seriedade do trabalho de dois jovens e empenhados pesquisadores de sua obra. Além da cuidadosa pesquisa, a produção do escritor alagoano é repassada com atenção, anotada com minúcia e devidamente contextualizada, sem que eles jamais percam de vista a múltipla vocação cultural e a orientação política do jornalista.

Desse modo, contemplamos a combinação de critérios estéticos e fatores ideológicos que imperavam no país desde a implantação do assim chamado Estado Novo, a partir de 1937. Dessa perspectiva, *Cangaços* revela-se como uma experiência de duplo vórtice: sua leitura norteia tanto aquele que se aproxima de modo diletante da obra de Graciliano, quanto fornece relevantes pistas para o pesquisador ou para o leitor mais experimentado na escrita engajada do autor.

II

“— *Por pouco que o selvagem pense [...] o que ele pensa merece anotação.*”

Graciliano Ramos, *Conversas*, p. 68

Se em *Cangaços* prevalece o registro da palavra sob a modalidade do texto jornalístico, em *Conversas* temos acesso a outras faces de Graciliano Ramos, facultado pela interlocução do autor com diversos intelectuais e jornalistas de seu tempo. Nesse volume, as doses de improviso são porventura maiores — ilustradas em múltiplos registros discursivos. Elas se relacionam a diversas circunstâncias que envolvem os gêneros orais, especialmente a entrevista, a enquete e o depoimento.

Para os organizadores de ambos os volumes, a reunião das falas de (e sobre) o escritor permitiriam “relativizar a imagem de Graciliano como homem tão só calado, avesso a bate-papos, e perceber a dimensão crítica de seus silêncios e das palavras que proferiu” (p. 11), sem perder de vista que ele foi “tido como o maior autor de sua geração” (p. 24).

Da leitura das entrevistas concedidas pelo escritor, entre 1910 e 1952, ficamos a saber que *O Guarani* havia sido sua primeira leitura, mesmo porque, aos dez anos, ele vivia a “admirar as bonitas descrições, a linguagem atraente do autor de *Iracema*, os lances de fidelidade e de amor platônico de um índio” (pp. 51-2). Afora isso, ele dizia preferir “Aluísio aos outros literatos brasileiros” (p. 55).

No papel de entrevistado, Graciliano responde de modo incisivo as perguntas formuladas pelo repórter: “— Por que a literatura nacional é tão desconhecida no estrangeiro?”. Sua réplica: “Porque, entre todas as línguas neolatinas, é o português a menos conhecida no exterior” (p. 55). Quando disse isso, Graciliano tinha apenas dezoito anos de idade.

Quase três décadas depois, em uma breve entrevista a Brito Broca, o escritor relembra a sua postura quando jovem. Questionado sobre o conteúdo, a forma e a estrutura de *Vidas secas*, o romancista afirma algo que se pode considerar decisivo, a respeito da obra: “[...] não me preocupo em pintar o meio. O que me interessa é o homem, o homem daquela região aspérrima”. Em sua concepção, tratava-se de uma abordagem inédita porque “Os romancistas do Nordeste têm pintado geralmente o homem na zona do brejo” (p. 68).

Afora o teor das entrevistas em si, em que se alternavam perguntas capciosas e respostas pautadas pela objetividade, a impressão dos repórteres também é digna de nota. No breve depoimento que antecede suas “Conversas com Graciliano Ramos”, Joel Silveira revela a face multiatarefada daquele escritor que vivia a postergar a conversa formal: “— Me dê mais tempo. Ando atolado na leitura de uma montanha de originais, dezenas e dezenas de literatos que querem o Prêmio Humberto de Campos, aqui da José Olympio, não tenho tido tempo para mais nada, varo a madrugada. Nunca vi tanta porcaria junta. Me dê mais uns dias” (p. 73).²³

A falação corrida entre Joel Silveira e Graciliano Ramos está registrada no livro de memórias do entrevistador (*Na fogueira: memórias*, de 1998). Ela constitui um dos pontos altos da coletânea, porque nela Graciliano descreve o trabalho do escritor, “numa manhã que estava de língua solta”, de acordo com seu interlocutor:

— Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Sabe como elas fazem?

— Não.

— Elas começam com uma primeira lavada. Molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Depois colocam o anil, ensaboam, e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita para dizer (p. 77).

23. A resistência em conceder entrevistas é corroborada no texto que antecede a entrevista conduzida por Paulo Medeiros e Albuquerque: “Papa” de sua geração, o “velho Graça [...] não é homem muito dado a entrevistas” (p. 101).

É curioso como Graciliano troca de lugar com o entrevistador, numa atitude generosa de quem ensinasse os fundamentos da escritura. Ao propor uma analogia entre o trabalho das lavadeiras com a arte literária, entra em cena o caráter humilde e a forma respeitosa com que se deve lidar com a palavra. Naquilo que diz, o autor deve ser discreto. Coerente com a sua personalidade, o autor não deve agir de modo sobranceiro e desonesto, como se estivesse a vender “ouro falso”.

Como afirmam Lebensztayn e Salla, “também as falas permitem fabular uma imagem da pessoa” (p. 27). Eis que nos deparamos com a breve, mas rica biografia escrita por João Condé, a definir o romancista como “criança esquisita e introvertida” (p. 81): palavras-síntese que parecem ter sido encampadas, e talvez sobrevalorizadas, por boa parte de nossa crítica.

Três anos depois, Francisco de Assis Barbosa retomou o diálogo entre Joel e Graciliano transcrito em 1939, reproduzindo a ideia de que o romancista fosse um “Homem de poucas falas”, o que constituía “um problema para o repórter que se propõe biografá-lo” (p. 110). Em 1951, foi a vez de José Tavares de Miranda engrossar o coro em torno de episódios vivenciados por Graciliano Ramos. Ao final do artigo, apresentamos um autorretrato do romancista que mais tarde se tornaria célebre, especialmente graças à disseminação do texto em livros e apostilas escolares e, mais recentemente, via *internet*.²⁴

Ainda em 1939, Marques Rebelo encontrara Graciliano Ramos nos fundos “da Livraria José Olympio” (p. 97), o que lhe permitiu traçar um perfil do amigo, escritor engajado: “— Quando os nossos olhos se abrem para este mundo de miséria e dor, é impossível não reagir, não clamar contra tanto infortúnio — diz-nos Graciliano com veemência. — E eles querem que nos calemos, de braços cruzados, ou que façamos arte pela arte” (p. 98).

Dez anos depois (1949), foi a vez de o crítico Otto Maria Carpeaux transcrever um diálogo que teve com “o mestre Graciliano Ramos” nos “fundos da Livraria José Olympio escura e quente”, num “banquinho incômodo como banco dos réus...”

24. Refiro-me ao subtítulo “Traços de identidade”, no ensaio assinado por José Tavares de Miranda, que franqueia o acesso a informações de cunho mais particular sobre Graciliano: altura, manequim, preferências gastronômicas, considerações sobre as artes em geral etc. O escritor reaproveitava quase na íntegra, em 1951, a descrição que fizera de si mesmo em “Autorretrato de Graciliano Ramos aos 56 anos”, publicado a convite de João Condé no jornal *A Manhã*, em 1948.

Consultado sobre o romance de Machado de Assis, o alagoano diz que Machado [...] é grande escritor [...], apenas não é romancista. Do ponto de vista da técnica novelística, todos os seus romances são deficientes. São misturas de crônicas, ensaios, aforismos, meditações, contos, sobretudo e contos” (pp. 207-8).

A essa altura, é oportuno recordar as palavras de Lima Barreto (1881-1922) — outro romancista que questionava a obra machadiana, sugerindo sua artificialidade formal e alheamento às questões da jovem República. Lima defendia a leitura dos russos como um recurso para a formação intelectual, com vistas a orientar a nossa literatura na mesma direção. Em sentido similar, *Conversas* confirma o que se anuncia desde *Cangaços*: Graciliano era homem que confessava e defendia suas convicções, posicionamento que dava continuidade a uma postura rara entre nossos escritores.

Embora não se restringisse a comentar os limites e alcances da representação literária, em sua obra Graciliano evidencia o fato de que a literatura quase tudo comporta. Nela, quase tudo cabe. Isso é colocado em evidência na antologia, já que o escritor discorreu mais sobre sua obra que a respeito de si mesmo.

Em “Como fazer um romance”, temos acesso privilegiado a análises que Graciliano Ramos fez de seus próprios romances. Na fala algo espontânea que dirige a Paulo Medeiros e Albuquerque, afirma que *S. Bernardo* veio “ali por volta de 1932”, desenvolvido a partir de uma narrativa mais breve que passou a renegar: “Nem reli o conto. Era uma droga” (p. 104).

A respeito de *Angústia*, ele atribui a concretização do livro à “insistência de Rachel de Queiroz, que [o] amolava todo dia para que continuasse”. Sobre *Vidas secas*, ensaia explicar a razão do nome Baleia, dado à cachorra: “Os sertanejos dizem que os batizam assim para preservá-los da hidrofobia. Pode ser também o desejo de água, seja ela do mar ou do rio” (p. 105).

Nem sempre consciente de seu papel na literatura brasileira, mas situando-se perante o advento do modernismo, Graciliano afirmou taxativamente ao jornalista Osório Nunes que “— de 1922 a 1930, verificou-se um movimento de destruição dos cânones que precisavam desaparecer. O movimento não nasceu em 1922. Concretizou-se no aludido ano” (p. 132).

Dois anos depois, em entrevista que concede a Ernesto Luiz Maia (1944), o romancista defendia a hipótese de que “as massas, as camadas populares, não foram atingidas [pelo romance social] e que nossos escritores só alcançaram o pequeno-burguês. Por quê? Porque a massa é muito nebulosa, é difícil interpretá-la, saber do que ela gosta”. A consideração de Graciliano vai ainda mais longe e diz respeito à posição

do escritor na sociedade: “os escritores, se não são classe, estão em uma classe, que não é, evidentemente, a operária” (p. 140).

Em 1945, no dia em que *Infância* começa a chegar às livrarias, Graciliano ingressa no Partido Comunista do Brasil e declara seu apoio à reformulação da Assembleia Constituinte. Jornal da esquerda mais tradicional, a *Tribuna Popular* dedica duas matérias a respeito do romancista e político em um curto período de tempo: eles saem no periódico respectivamente em 16 e 26 de agosto daquele ano. Em fevereiro de 1947, o mesmo jornal divulgaria um breve depoimento do romancista sobre “alguma coisa dos seus tempos de presídio” (p. 183).

No ano seguinte (1948), Graciliano descreve a Homero Senna suas funções no *Correio da Manhã*: “— Corrijo a gramática dos repórteres, topiquistas e articulistas”, para, logo em seguida, negar sua possível boa vontade para com o ofício na imprensa: “— Gosta do jornalismo? — Não. Nem me considero jornalista” (p. 199).

Em 1952, Miécio Tâti estabeleceu um dos diálogos mais interessantes com o autor, se considerarmos os rumos da conversa que estabelece com Graciliano e a forma com que as perguntas e respostas de um e outro foram transcritas. Em determinado momento do debate, sugere ao romancista que ele “não viveria feliz se não pudesse ler”. Eis uma questão fundamental, que poderíamos estender, com algum constrangimento, ao público brasileiro ainda hoje...

No mesmo ano, José Guilherme Mendes oferece o retrato de um romancista fragilizado pela idade, “magro, vestido de pijama”, que chegava “à sala modesta onde a sobriedade dos móveis e quadros lhe oferecia a moldura mais adequada”. Comunista, Graciliano diz que a *Bíblia* seria “um dos seus livros de cabeceira: — É um livro que fez um povo. Sem a *Bíblia*, os judeus não existiriam hoje” (pp. 245 e 251).

Conversas já valeria por si só, e muito, se apenas se concentrasse nas entrevistas concedidas por Graciliano Ramos. Mas, feito notável, o livro se espalha para além do gênero, sugerindo uma nova visão do escritor. A exemplo disso, na segunda parte da antologia há breves diálogos sob a forma de perguntas que estimularam a fala do romancista, colhida em encontros menos formais e mais ligeiros. Isso explica o título das páginas ali ordenadas (“Enquetes e Depoimentos”), a concentrar textos mais breves, enxutos e ágeis que aqueles da seção anterior.

Passemos em revista algumas dentre as suas ideias sobre a literatura francesa: “Balzac foi para mim um deslumbramento” (p. 282). Em contrapartida, “Anatole France é um dos representantes mais dignos de uma literatura burguesa decadente e inacessível ao povo, como quer que seja definido” (p. 302).

Sobre a sociedade brasileira em geral, sabidamente fã dos esportes, a seu ver o “brasileiro nasceu para jogar futebol” (p. 287); mas o mesmo indivíduo resvalava na mediocridade dos atos: “A ignorância entre nós você bem sabe como é grande. Todo mundo fala do que não entende, e daí a confusão, o caminho aberto para o charlatanismo e a mais desenfreada demagogia” (p. 312). Daí, a sugestão do romancista de se aplicar o mesmo rigor de julgamento a todos: “Bem. Processem, arrumem justiça, mas não embrulhem apenas o senador Prestes” (p. 320) – um tema que soa bem propício, tendo em vista o atual cenário político nacional, tingido pelas polarizações e posturas pseudoéticas.

A leitura dos diversos textos de *Conversas* sugere que a sobriedade se combinava à personalidade introspectiva de Graciliano: “Não podendo falar com os outros, habituei-me a falar só: a escrever” (p. 290), o que não o impedia de se revoltar contra os arbítrios e desmandos da lei: “Assistimos e sofremos mais uma demonstração da polícia, que sempre age dessa maneira, lançando-se contra o povo de modo covarde” (p. 321). Outro tema atualíssimo e procedente.

Uma das sínteses a que Graciliano chega é de que “A paz é tudo o que a humanidade quer” (p. 334): afirmação que ele profere em sua constante e firme oposição a Getúlio Vargas, que conseguiu proibir a realização da Conferência Continental pela Paz no Brasil — prevista para acontecer em 1952 —, temendo tratar-se de manifesto desordeiro promovido pelos comunistas.

Após tomarmos contato com as falas protagonizadas pelo romancista em diversos períodos de sua carreira, certamente podemos reelaborar mais facilmente a imagem de Graciliano Ramos. Daqui para frente, o tom de conversa prossegue. Dessa vez, sob a voz daqueles que conviveram com o escritor.

Na terceira parte, chamada “Causos”, *Conversas* guina em outra direção, como a sugerir que a complexidade do prosador alagoano não se resumiria à concepção que ele tinha das pessoas e coisas. A partir de agora, Graciliano fala também pela voz dos outros.

Em pouco mais de quarenta páginas, acessamos as recordações de uma plêiade de intelectuais do círculo de amigos do autor, registradas sob o tom da anedota. Aurélio Buarque de Holanda relata a desventura de Graciliano Ramos, quando um morcego pousara em seu ombro, em 1930 (p. 339); Aílton Santos reproduz a dissensão entre o escritor e Osman Loureiro, governador de Alagoas entre 1934 e 1937, em razão de Graciliano acreditar que a construção de novas escolas fosse “besteira” para “atender a compromissos eleitorais e nomear as meninas professoras, sob recomendações” (p. 341).

Por sua vez, Sebastião Nery reproduz a tese consistente do próprio romancista de que “quem pichava e quem lia [nos muros o slogan de Marx: — “Trabalhadores do mundo, uni-vos”] não sabia o que era *uni-vos*”²⁵ (p. 344).²⁶ Hildon Rocha empresta a voz a José Lins do Rego, que ponderara a Graciliano o seguinte: “— O que é bom neste país é isto: há algumas horas você estava preso num cárcere da Ilha Grande, e agora acaba de ser recebido, sem marcar audiência, pelo ministro da Educação” (p. 347).

No trânsito entre a facécia e a nota grave, os depoimentos reforçam algumas dentre as características pessoais do escritor. Quando Graciliano Ramos fez uma dedicatória de suas obras ao mesmo Hildon Rocha, o romancista tece dura ressalva a *Caetés*: “isto não é romance; é uma droga, republicada por motivo de pecúnia. Em todo caso, leia o prefácio. Abraços de Graciliano Ramos” (p. 354).

Para Joel Silveira, “Graciliano negava-se a ver o lado bom do mundo” (p. 357); Justiniano Borba relembra que ele fora “além de admirável escritor e incorruptível antifascista, homem de sertaneja e rude independência” (p. 359). Paulo Mendes Campos secunda a declaração do romancista de que seu “maior trabalho” era “corrigir o que” escrevia (p. 369).

Carlos Castello Branco relata o episódio em que Graciliano se negou a “deixar” que Álvaro Lins lesse a biografia de H. Pereira da Silva, publicada em 1950 (p. 372), opinião confirmada por Ricardo Ramos, filho de Graciliano, para quem o pai “visivelmente não queria ser entendido daquele jeito” (p. 373).



Terminando a tarefa de apresentação, deve-se ressaltar que as pesquisas de Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla envolveram a consulta a manuscritos encontrados NA Universidade Federal de Minas Gerais e no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, além de visitas ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, no qual se encontram documentos do Dops — dentre os quais um dossiê a respeito do “comunista Graciliano”, confeccionado pela Polícia Política ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950.

25. Originalmente, a frase de Karl Marx e Friedrich Engels (“Trabalhadores de todos os países, uni-vos!”) encerrava o *Manifesto comunista*, publicado e divulgado, principalmente nos países da Europa, no ano de 1848. Consultei a seguinte edição: São Paulo, Paz e Terra, 1997, traduzida por Maria Lucia Como.

26. Nota de *Conversas* que reproduz: “Uma versão dessa frase [...] foi empregada por Graciliano Ramos em *Angústia*: ‘Proletários, uni-vos’” (p. 345).

Em investigações realizadas no exterior, foram consultados os acervos da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca da Universidade de Coimbra, instituições em que foram localizadas as entrevistas de Graciliano publicadas em periódicos portugueses.

Isto posto, e tendo em vista a qualidade do material e a seriedade com que as pesquisas foram conduzidas, surpreende que a edição de cada volume tenha levado aproximadamente um ano em sua composição: dado que atesta a disciplina, o rigor e o afinco com que os organizadores se dedicaram ao resgate de textos de (e sobre) Graciliano Ramos — até então dispersos e de difícil localização e acesso.

Passemos sem demora a essas instrutivas e saborosas páginas. Decerto, a leitura de *Cangaços* e *Conversas* pode nos colocar em face dos gestos e palavras de um homem que dispunha de rara consciência e assumia múltiplos papéis perante a cultura e a sociedade. Graciliano Ramos era um indivíduo firme em suas posições, ciente de seu lugar e tempo histórico. Assim, ele pôde manter um constante e lúcido diálogo com a inexorável marcha das ideias, para além da concepção maniqueísta que volta e meia assola parcelas de nossa sociedade.

Jean Pierre Chauvin é professor de cultura e literatura brasileira no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e autor de *O poder pelo avesso na literatura brasileira: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto* (Annablume Editora, 2013).